

## **PODCAST É CULTURA? O MUNDO SEM NÓS, COM DÉBORAH DANOWSKI**

### **Roberto Romero:**

Olá para você que está junto com a gente no podcast *É Cultura?* Este é o segundo episódio da nossa temporada sobre as fabulações da natureza, que começou no episódio passado com a participação do historiador ambiental José Augusto Pádua. Se você está começando por aqui, eu te convido a voltar na nossa conversa com o José Augusto, sobre a natureza:

### **José Augusto Pádua:**

Esse mito da natureza inesgotável não aparece só no início, ali no século XVI quando eles se encontram com a Mata Atlântica. Eu penso que ele aparece em toda a história do Brasil, e até hoje ele cria uma ilusão de que nós não precisamos cuidar bem do território, porque a abundância de recursos é tão grande que não há necessidade.

### **Roberto Romero:**

Ele contou pra gente como o mito da natureza infinita que guiou a ocupação do Brasil nos trouxe até a situação catastrófica que vivemos hoje. E depois da conversa com o José Augusto, uma pergunta ficou ecoando aqui pra gente: será que se continuarmos nesse ritmo, o mundo como conhecemos pode acabar? Te convido então a seguir com a gente na busca por algumas fabulações em torno dessa pergunta.

Você já tentou imaginar o fim do mundo? Será que ele seria um fim lento, que vai acontecendo aos poucos, ou será que seria um fim repentino, explosivo? O que será que aconteceria nessas horas antes do fim? Que cor teria o céu? Faria calor ou frio? Que som teria esse instante do fim do mundo? Estaria ventando? Chovendo? Relampejando? O que você estaria fazendo? Bom, só de fazer essas perguntas, eu já fico pensando que é muito difícil pra nós imaginarmos aquilo que nunca vivemos. Mas a gente também sabe que muitas pessoas por aí já encararam o desafio de fabular essas histórias, principalmente na literatura, no cinema, nas artes, por meio da ficção científica. Com certeza você já viu algum filme sobre o fim do mundo, em que a Terra é destruída por algum meteoro, as cidades são varridas por tsunamis ou uma nova era glacial toma conta do planeta. Um exemplo que me vem à cabeça é o filme *Melancolia*, do diretor dinamarquês Lars Von Trier, que muita gente deve conhecer, e que conta a história de um planeta chamado *Melancolia* que ameaça se chocar com a Terra.

### **Déborah Danowski:**

Quando houver o choque com esse outro planeta que se chama *Melancolia*, não acaba só a vida toda na terra, mas acaba a vida de maneira geral. A primeira parte se passa numa grande propriedade da alta burguesia, é um casamento, e os problemas familiares dessa alta burguesia. Já tem imagens do cosmos e desse planeta que de repente surge nos aparelhos científicos, e primeiramente é pensado que ele vai passar perto da terra, mas depois vai desviar. E finalmente eles não têm como negar que o planeta está vindo em direção à Terra. Parece que ele vai passar pela Terra, mas ele depois volta e colide com a Terra e acaba com a vida. E o ápice, o momento mais apavorante do filme, é justamente o momento do choque.

### **Roberto Romero:**

Essa voz que você ouviu descrevendo o filme *Melancolia* é da filósofa Déborah Danowski, nossa convidada do episódio de hoje. Ao lado do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, Déborah publicou em 2014 o livro *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, livro que mistura antropologia, filosofia, ficção e cultura pop para discutir como diversas áreas do conhecimento imaginam diferentes fins de mundo que, por sua vez, resultam em diferentes possibilidades de futuro. Déborah, seja bem vinda! É uma alegria ter você aqui com a gente!

### **Déborah Danowski:**

Ei Robertinho, é um prazer ser entrevistada por você!

**Roberto Romero:**

Bom, muito se fala hoje sobre essa era que estamos vivendo, o Antropoceno, e também sobre como a crise climática, impulsionada pela ação do homem desde a Revolução Industrial, pode nos conduzir a um futuro catastrófico. Eu queria então começar por essa pergunta: o que é, afinal, o Antropoceno?

**Déborah Danowski:**

A ideia de chamar a nossa época atual de Antropoceno é marcar o que chega no lugar do Holoceno, que era aquele período que corresponde aos últimos 10 mil anos, que viu o surgimento da civilização humana, agricultura, formação das cidades, linguagem escrita, religiões, o florescimento da civilização humana. Ao contrário dessa época, que climaticamente falando era uma época bastante homogênea, agora muitas condições e processos da Terra estão sendo profundamente alterados pelo impacto humano, principalmente desde o início da industrialização. O termo Antropoceno, dependendo da comunidade acadêmica, científica, que discute esse termo, tem a partir daí ganhado significados muito diferentes. E quais as alterações que esse termo marca e que estão cada vez ocorrendo mais aceleradas? Primeiro, sem me preocupar com a ordem, um enorme aumento na erosão, no transporte de sedimentos acarretado pelo processo de urbanização, pela industrialização, agricultura, etc. Perturbações muito fortes e abruptas nos ciclos de elementos como carbono, nitrogênio, fósforo, vários metais, além da entrada no sistema de novos elementos, novos compostos químicos que não existiam antes, ou seja, que foram criados artificialmente pelo homem. O aquecimento global, com toda sua importância, é um dos fatores que caracterizam o Antropoceno. A elevação do nível do mar, a propagação das zonas mortas, mudanças rápidas na biosfera, tanto no solo quanto no mar, em função da destruição dos habitats, em função da caça industrial e não industrial. E o debate fora da geologia já vai dizer respeito a outra coisa, sobretudo ao fato de que esse nome, Antropoceno, parece que recoloca no centro do debate, o homem. E aí o próprio conceito do homem é muito problemático, como se o homem pudesse ser caracterizado de maneira completamente uniforme para todos os humanos, todos os povos. Então você tem outras propostas de nomes como Captaloceno, Plantationceno, Tanatoceno (de morte), Termoceno (por causa do aquecimento no planeta)... É mais ou menos esse o panorama.

**Roberto Romero:**

Bom, e pensando nesse panorama complexo que você acaba de descrever, como é que nós podemos imaginar o futuro para o qual o Antropoceno nos aponta?

**Déborah Danowski:**

Digamos que as temperaturas aumentem de fato 4 graus, como está previsto mais para o final do século, que o plástico seja predominante nos oceanos, que haja mais plástico nos oceanos do que animais e peixes. O que seria o mundo se tudo isso se confirmar? Os limites planetários são processos do Sistema Terra, que é melhor nós não ultrapassarmos porque nós não sabemos qual o ponto em que eles vão romper todo o sistema, e cada um deles pode romper o sistema, sendo que alguns podem romper mais ou menos. Eu não sei responder essa sua pergunta, você está me perguntando como vai ser o mundo do futuro, e para falar disso a gente já vai ter que entrar um pouco na ficção científica. Enfim, tem vários estudos, por exemplo, que falam que até o final do século vai ser isso e aquilo. Mas o final do século, embora não esteja, parece que está muito longe. Então tem alguns estudos falando como vai ser em 2050, 2060, quanto vai ter aumentado a temperatura, se vão aumentar os eventos climáticos, tanto as chuvas fortes quanto secas prolongadas, a Amazônia provavelmente não vai aguentar o desmatamento, junto com o aumento desses períodos de secas cada vez mais fortes, incêndios. Então como vai se dar o rompimento desses sistemas? Aqui no Brasil parece que a gente já está vivendo nesse novo futuro. É difícil especular sobre isso – eu posso especular daqui a pouco –, mas eu acho que as obras de ficção especulam melhor sobre isso do que eu poderia fazer. E muito do que passa na cabeça da gente,

pensando em como vai ser daqui há uns 10, 20 anos, 50 anos tem claramente a contribuição dessas obras de ficção, não é?

**Roberto Romero:**

Sem dúvidas, Deborah. E eu acho muito interessante como o seu livro *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins* traz várias histórias sobre o fim do mundo, fabuladas inclusive por diferentes povos, e as colocam em pé de igualdade com as histórias que a ciência moderna conta, por exemplo. Eu queria que você comentasse um pouco sobre como surgiu seu interesse em juntar todos estes discursos.

**Déborah Danowski:**

Eu me lembro de alguém trazer o tema das mudanças climáticas, e porque está todo mundo falando de fim de mundo, porque tem esses filmes todos sobre fim do mundo, o que está acontecendo? E nós recebemos como críticas de várias pessoas diferentes a acusação de catastrofismo, que esses filmes são de Hollywood para tentar ganhar dinheiro, ou que isso é uma coisa de países desenvolvidos, no Brasil a pobreza é mais importante, tem outras questões mais importantes... Então ao mesmo tempo em que era nítido a recorrência cada vez maior desses temas que falavam de fim de mundo, tinha também um movimento contrário, de resistência a se falar desse tipo de coisa. Não só no campo da direita, mas também no campo da esquerda, partindo de pessoas que tinham passado a vida inteira combatendo a degradação ecológica, defendendo o meio ambiente, estudando pós colonialismo e etc. Então a gente juntou tudo e pensamos: vamos fazer um livro falando sobre o fim do mundo. Porque quando você fala do fim do mundo você necessariamente inclui esses discursos não científicos, porque a gente não vai ver cientista falando em fim do mundo. E fim do mundo pode querer dizer muita coisa. Então quando a gente parte dessa expressão, já vem embutido o mundo e o fim, que podem querer dizer várias coisas diferentes. O mundo é sempre o mundo de determinados sujeitos, determinados povos, e o fim do mundo pode ser um fim absoluto, pode ser um fim lento, pode ser visto como alguma coisa positiva, negativa. Então a gente partiu dessa expressão fim do mundo, que nela própria já carregava, sem fazer essa distinção, todos esses discursos.

**Roberto Romero:**

E como você acha que a ficção científica nos ajuda a construir esse imaginário?

**Déborah Danowski:**

As possibilidades para a imaginação do que pode acontecer sem os recursos das ficções parecem poucas. E a razão é que o que está acontecendo é grande demais. Volta e meia tem um dado científico de que não tem equivalente nos últimos 60 milhões de anos. A temperatura que nós estamos vivendo é inédita, ou a concentração de dióxido de carbono na atmosfera. O fato é que alguns cientistas destacam que nós saímos da rota de alternância pela qual a Terra vem passando entre eras glaciais e interglaciais. Nós já mexemos no grande ciclo do carbono, na distância entre esses dois tipo de situações de equilíbrio. E são coisas totalmente inéditas em relação à civilização de maneira geral, ou seja, ela corresponde aos últimos 10, 12 mil anos. Algumas delas são inéditas para o Homo sapiens. Então nós não temos a menor ideia de onde nós estamos nos metendo, onde nós estamos entrando. Bom, tem um limite, digamos assim. É claro que os relatórios científicos podem falar que teremos um aumento entre 2 e 5 graus até o final do século. Mas se o aumento for de 4 graus celsius – sendo que no momento estamos em 1,2 graus de aumento de temperatura em relação a época da revolução industrial –, os cientistas até podem falar que a temperatura pode aumentar 3 graus, os mares estão se tornando mais ácidos, pode dar esse ou aquele dado específico. Mas como representar o que isso significa? Mais uma vez a pandemia caiu como uma bomba em cima da gente porque ela tornou real aquilo que a gente não conseguia imaginar, e de certa forma nos ajuda a imaginar o quanto nós não conseguimos imaginar hoje. Então a ficção, e particularmente a ficção científica, ela é um campo de experimentação imaginativa, mas que nos permite pensar além daquilo que nosso conhecimento é capaz de

aprender. Eu não sei falar isso sem cair em um ideologismo, mas não fomos feitos pra imaginar esse tipo de coisa, tão longe. A gente pode até especular um mundo depois que a Terra explodir, depois que o Sol explodir, mas a gente realmente não consegue imaginar esse momento da explosão. Uma coisa é falar “Ah pode ter uma pandemia aqui que destrói tudo”, como se pensava na época do pós-guerra, que poderia haver uma grande guerra nuclear, uma guerra nuclear total que extinguisse toda a humanidade. Mas o que significa nos imaginar, e imaginar o mundo, sob uma guerra desse tipo? A ficção científica surge, e já surgiu desde o início, como fundamental para a gente não só imaginar, mas pensar sobre o tamanho das mudanças que a gente está vivendo.

**Roberto Romero:**

E eu fico aqui pensando que, se por um lado, existem ficções que imaginam o fim do mundo, por outro, a gente também tem várias ficções por aí que negam a possibilidade desse fim, não é? Que negam também a emergência climática e crises de toda ordem, como esta que estamos atravessando. Inclusive no episódio anterior a gente conversou um pouco com o historiador José Augusto Pádua sobre esse mito da natureza infinita que foi determinante na forma como a nossa sociedade enxerga, ocupa e destrói a natureza e o nosso território. E já que a gente tá falando de fabulações e ficções, eu queria que você comentasse um pouco sobre como você enxerga essa questão do negacionismo.

**Déborah Danowski:**

Eu comecei a pesquisar sobre o negacionismo – na verdade é uma coisa que me afeta quase na pele – já há algum tempo, e eu resolvi pesquisar de uma maneira um pouco mais séria, sobretudo pelos meus encontros em debates, discussões, com pessoas que podiam aceitar várias coisas, mas negavam que estivessem acontecendo as mudanças climáticas. É claro que quando isso vem de pessoas que são pagas pela agroindústria, ou pagas pelas grandes companhias de combustíveis fósseis para dizer esse tipo de coisa, é até fácil de entender, porque tem muito dinheiro rolando na contrapropaganda. Mas quando isso vem de pessoas normais, digamos assim, próximas da gente, eu de fato não entendia. E como eu não sou cientista, você não pode apelar para argumentos do tipo “não, as moléculas de CO2 fazem assim e assado”. Embora eu tente ler artigos de divulgação científica, eu não posso recorrer a esse tipo de argumento. Então você acaba extrapolando um pouco e acusando a pessoa de “terraplanista”. Me parecia que isso merecia um estudo mais aprofundado. Então a minha ideia foi recuar o negacionismo. Porque o termo negacionismo surgiu por um historiador francês para falar dos negacionistas do holocausto, que é esse grande crime, quase o paradigma do crime de Estado, do genocídio de Estado. Mesmo com todas as provas e evidências que existem, havia e ainda há aqueles que negam que tenha acontecido isso, um genocídio de judeus e de outros povos, que aconteceu durante a Segunda Guerra sob o regime nazista alemão. Me pareceu que era importante frisar o parentesco desse negacionismo climático com o negacionismo do holocausto. São as mesmas pessoas que negam o aquecimento global, que regime militar implantado no Brasil torturou e matou uma quantidade que eu não sei nem repetir aqui, terraplanistas, anti vacina, fascismo, por que que isso tudo se junta novamente? E porque tem acontecido eventos climáticos também, dos quais quando presenciados, são chamados de holocausto. Por exemplo, recentemente, não só os incêndios na Amazônia provocados criminosamente, mas antes disso aquele enorme incêndio que aconteceu Austrália, que as pessoas chamaram de holocausto. Não só pela quantidade de vegetação dizimada, mas de vidas animais que foram dizimadas. Tudo isso talvez possa caracterizar a nossa época.

**Roberto Romero:**

Realmente, Deborah, eu acho mesmo importante a gente prestar atenção nesses acontecimentos e nesses paralelos. Porque, afinal, a conta vai chegar pra gente e pras próximas gerações, não é? Mas como o fim do programa tá mais perto que o fim do mundo, eu acho que seria legal a gente terminar trazendo também outras histórias sobre o fim, até porque em nosso próximo episódio a gente conversa com a Dona Liça, artista indígena

Pataxoop, que traz algumas visões muito interessantes sobre essa possibilidade do fim. Em outras palavras, um outro fim de mundo é possível?

**Déborah Danowski:**

O fim enquanto degradação – que é o que talvez nós estamos vivendo – degradação ecológica, degradação econômica, degradação política, esse fim não significa que não vai ter gente vivendo no que vem com e após essa degradação. Então me incomodava falar em fim enquanto a gente sabe que vai ter tanta gente vivendo isso que está acontecendo. A gente não está falando aqui da extinção da espécie humana, pode até ser que aconteça, mas até segunda ordem, não vai ser tão cedo. Então me parecia injusto ficar insistindo nessa coisa do fim quando tem tantos povos que já passaram por fins, não semelhantes mas fins de mundo, e outros tantos povos (e o nosso povo também) que estão passando e vão passar por outros fins de mundo. É preciso adiar um tipo de fim do mundo, tomar nas nossas próprias mãos (embora isso seja muito utópico, pois não acredito em uma espécie de revolução que mude tudo de uma vez por todas) e dizer “a gente não quer acabar sendo mortos porque as grandes companhias de petróleo querem continuar, aproveitar as portas abertas, para passar os seus navios por ali, ou porque a grande agroindústria quer derrubar a Amazônia”. Não é isso que a gente quer, a gente quer outra coisa. E aí, pensando desse jeito, talvez se abram outras possibilidades, não para negar um tipo de fim do mundo, porque de fato nós já passamos para uma outra época, uma coisa totalmente desconhecida com a qual a gente vai ter que lidar, mas a gente vai lidar talvez com outras pessoas, talvez os índios sobrando ali em uma montanha como disse Russel Means: “Depois que acabar o mundo de vocês ainda vai sobrar, nem que seja um punhado, de indígenas. Seja no meio da floresta ou no alto das montanhas. Sempre vai ter gente vivendo e fazendo coisas, descobrindo maneiras de viver.” É importante falar em fim de mundo, mas é importante contar todas essas histórias. É importante ter ideias para adiar o fim do mundo, saber não só viver bem, mas morrer bem.

**Roberto Romero:**

É isso, Déborah. E falando em formas de imaginar outros fins e começos possíveis, eu vou aproveitar esse gancho pra já convidar você aí que nos ouve pra acompanhar a gente no próximo episódio, onde eu converso com a professora e artista indígena Dona Liça Pataxoop sobre esses e outros assuntos. Déborah, muitíssimo obrigado por essa conversa. Foi um prazer imenso falar com você!

**Déborah Danowski:**

Eu que agradeço muito! Se cuidem, fiquem todos bem, continuemos assim, podendo nos encontrar pelo menos aqui no virtual.

**Roberto Romero:**

Eu sou Roberto Romero, e este foi o podcast *É Cultura?*, um podcast do BDMG Cultural em parceria com o Micrópolis.